

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO- UNESP/BAURU
DCSO - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

O Sertão entre a flor e os espinhos

BAURU - SP

2018

CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

O Sertão entre a flor e os espinhos

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Machado Filho

BAURU

2018

CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

O Sertão entre a flor e os espinhos

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Machado Filho

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Prof. Ms. Selma Miranda dos Prazeres

CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

O Sertão entre a flor e os espinhos

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Machado Filho

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Prof. Ms. Selma Miranda dos Prazeres

AGRADECIMENTOS

Como em todos os projetos realizados, a gratidão a Deus vem em primeiro lugar, pela força e coragem. Em segundo, agradeço minha família. Cursar esta graduação longe dos meus familiares não foi uma tarefa fácil. Em muitos momentos, pensei em desistir e foi a força deles que me manteve em busca do meu sonho. Eles contribuíram para a realização deste projeto, me apoiando financeiramente nas viagens e ajudando no deslocamento entre as cidades. Sempre muito prestativos.

Agradeço também ao meu namorado Jonathan e sua família, por sempre me ouvirem e me ajudarem em tudo que faço. Também preciso dar destaque ao meu orientador, Francisco Machado, pelos atendimentos e orientações sobre como desenvolver este projeto da melhor forma e aos professores Maximiliano Vicente e Selma Miranda, que não hesitaram em participar desta banca e que ao longo do curso, contribuíram para minha formação.

À Universidade Estadual Paulista, na figura de todos os docentes que contribuíram para minha formação, em especial, na figura do professor Juliano Carvalho, Adriana Nogueira, Maximiliano Vicente, Eli Vagner, Selma Miranda e ao meu orientador. Meus agradecimentos também a todos que me ajudaram na execução deste vídeo. Desde minha chegada em Itabi até o momento presente. A tia Maria, aos entrevistados.

Meus sinceros agradecimentos também a Bruno Rossi, Octavio Nascimento e Ana Heloísa Pessotto pelas dicas de edição assim como Ana Massa e Ariel Satie por realizarem a criação da identidade visual do vídeo e do projeto. Todos, que de forma voluntária contribuíram para que este projeto acontecesse.

Por fim, ao site “Meus Sertões” na figura do ilustre jornalista Paulo Oliveira, que me apoiou com a publicação dos textos, galeria de fotos, teaser e do documentário. Minha eterna a gratidão pelas orientações! De modo geral, agradeço a todos amigos que de perto ou longe, me ajudaram a realizar “O Sertão entre a flor e os espinhos”.

RESUMO

Este projeto propõe desconstruir os estereótipos que existem em relação ao sertão nordestino e seus habitantes, retratados principalmente pela mídia de forma negativa e geralmente, associados à seca. Esta desconstrução se dá por meio da produção de conteúdos textuais, imagéticos com ápice para montagem documental. O documentário conta histórias, por meio de entrevistas, de pessoas que vivem no sertão e se identificam com o lugar, no sentido de pertencimento e compartilhamento de experiências e memórias. A metodologia deste trabalho consiste no levantamento bibliográfico que embasasse o conteúdo para produção documental, seleção de reportagens que abordem a temática da seca como foco principal dos problemas sociais no sertão, seleção de entrevistados até o momento da realização das entrevistas em Sergipe, no município de Itabi. Após a captação de imagens foi realizado o processo de pós-produção (decupagem, edição, pós-revisão) e a criação da identidade visual.

Palavras-Chaves: Sertão. Nordeste. Pertencimento. Sergipe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JUSTIFICATIVA SOBRE ITABI	10
2.1 Justificativa e problematização da temática	13
3 OBJETIVOS	16
3.1 Geral.....	16
3.2 Específico.....	16
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO FORMATO	16
4.1 Documentário verdade	15
4.2 Eduardo Coutinho: O fim e o princípio	15
4.3 Formato escolhido	16
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO TEMA	21
5.1 Identidade e Lugar	22
6 METODOLOGIA	24
7 DESCRIÇÃO DE CONTEÚDO	27
8 REPERCUSSÃO DO DOCUMENTÁRIO	29
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
11 APÊNDICES	39

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o maior país da América do Sul e o quinto em área territorial no mundo. É também o sexto em população, com mais de 200 milhões de habitantes¹. Foi um dos países que também recebeu um grande número de imigrantes e influência do exterior desde a época da Colonização, com início em 1500, fazendo com que cada região apresentasse suas particularidades culturais. É um país que apresenta diversas etnias, raças, gêneros, culturas, hábitos e diferenças. Estas diferenças, por sua vez, podem acabar se tornando um preconceito. Uma das regiões que vivencia isto é a Nordeste. Segunda maior população e o terceiro maior território, quando comparado com as outras regiões, o Nordeste abriga nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

A região Nordeste já foi a principal do país, sendo a mais rica da América Portuguesa durante mais de três séculos, principalmente por conta do Pau-Brasil e os engenhos de açúcar. Mas, após o descobrimento do ouro em Minas Gerais e do crescimento do cultivo de café em São Paulo, associada às questões políticas como a transferência da capital do país para o Rio de Janeiro, a região Centro-Sul concentrou a maioria dos investimentos. De acordo com Garcia,

A partir da segunda metade do século passado, a introdução da lavoura do café no Rio e em São Paulo, a chegada maciça de imigrantes europeus a estes estados, trazendo consigo ideias modernizadas, a queda dos preços no mercado internacional do açúcar e do algodão e a valorização cada vez maior do café nesse mesmo mercado provocaram a transferência do poder econômico, e consequentemente do poder político, do Nordeste para o Centro-sul. (GARCIA, 1987, p. 30)

O autor ainda completa seu pensamento, afirmando que isto fez com que o Centro-Sul passasse a experimentar uma grande modernização, enquanto o Nordeste mantinha sua estrutura rural e sua industrialização limitava-se praticamente às grandes centrais açucareiras e às fábricas de tecidos.

¹Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/populacao-brasileira-ultrapassa-208-milhoes-de-pessoas-revela-ibge> / <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/> <https://www.estadosecapitaisdobrasil.com/duvidas/qual-o-maior-pais-da-america-do-sul/>> Acesso em: 28/10/2018.

Este crescimento econômico desigual começou a causar o aumento das diferenças, principalmente no aspecto Norte/ Sul. Outros fatores como concentração de renda e de posse de terra pelos coronéis intensificaram os problemas regionais. Segundo Hall (1997, p. 258) “os estereótipos se apossam das características mais ‘simples, vividas, memoráveis, de fácil apropriação e amplamente reconhecidas’ sobre uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a essas características, exageram e simplificam-nas sem mudança e desenvolvimento para a eternidade”. Para o autor, os estereótipos “fixam” as diferenças e causam exclusão. Em âmbito de Brasil, um país com tantas desigualdades econômicas e sociais se estabeleceu um preconceito e uma visão de superioridade nas regiões Sul/Sudeste em relação a quem vive no Nordeste, principalmente, no Sertão.

Por isto, este projeto pretende desconstruir os estereótipos que existem em relação ao sertão nordestino por meio da produção de um documentário com 34 minutos e sete segundos, gravado no Estado de Sergipe, no município de Itabi, que pertence ao Sertão Nordestino e está localizado na Mesorregião do Sertão do São Francisco. Além do vídeo, o projeto apresenta uma série com a produção de quatro textos e uma galeria de fotos, publicada pelo site “Meus Sertões”.

O formato de documentário, dentre tantos gêneros apresentados na universidade, foi escolhido por acreditar que este formato proporciona um aprofundamento do tema, tomando como base os livros “Introdução ao Documentário” (2010) e, “Mas, afinal... O que é mesmo documentário? ” (2008). Buscou-se também artigos relacionados ao assunto, assim como outras literaturas. Segundo Puccini, o documentário é,

Uma expressão narrativa que estabelece asserções como imagens e sons, ou com o auxílio de imagens e sons, utilizando-se das formas habituais da linguagem falada ou escrita (a fala da locução, ou a fala dos homens e mulheres no mundo, ou ainda entrevistas e depoimentos, ruídos ou música. (PUCCINI, 2010, p. 81)

Entende-se “asserção” como uma afirmação categórica, que indica proposição, declaração sobre algum determinado assunto. Se os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico, pode-se dizer que falam desse mundo tanto por meio de sons como de imagens. Essa questão de discurso suscita a “voz” (NICHOLS, 2012). O autor aponta também que o documentário é uma representação da realidade, ou seja, parte de uma seleção a partir de um ponto de vista do

documentarista. Sem imparcialidade, este trabalho se propõe a mostrar um outro “olhar” sobre o sertão nordestino, ressaltando a identidade e cultura local de um sertanejo que não quer sair de sua terra. Este formato foi apresentado no curso por meio das disciplinas de “Telejornalismo II” e “Roteiros para Comunicação Audiovisual”, trazendo um modelo que não tem uma estrutura ‘fechada’, permitindo à criatividade e a inovação por parte do documentarista.

2 JUSTIFICATIVA SOBRE ITABI

O município de Itabi ²está localizado no Estado de Sergipe, no Nordeste Brasileiro e integra a Mesorregião do Sertão do São Francisco. O local, cujo nome significa “duas pedras”, possui cerca de cinco mil habitantes de acordo com a população estimada feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre 2017 e 2018.

A história do município começou em 1821, quando os caçadores José Ferreira de Gois e Antônio José dos Santos, vindos da Fazenda “Sítios Novos”, atual município de Canhoba, descobriram uma lagoa perto da Pedra da Paciência. A lagoa tinha muitas panelas de barro nas suas proximidades, ainda da época dos indígenas, já que antes a região era ocupada pelos Tupi-Guarani. Por este motivo, o lugar ficou conhecido inicialmente como “Lagoa das panelas”. Os desbravadores contaram sobre o local descoberto nas feiras de Própria, um município que fica cerca de 30 quilômetros em linha reta de onde atualmente é Itabi.

A notícia chegou ao conhecimento de Manoel Quinca Palatem, comerciante de açúcar e senhor de engenho no povoado Cutia, município de Capela, ambos em Sergipe. Ele se deslocou até o local com sua família e servos. Em 1884, foi celebrada a primeira missa, pelo padre Francisco Gonçalves de Lima, que mais tarde, em 1886—após a construção da primeira da capela, a imagem de Nossa Senhora da Conceição seria introduzida.

Ela é a padroeira da cidade e considerada pelos católicos como a virgem Maria que trouxe Jesus Cristo ao mundo. Após este evento religioso, o lugar ficou conhecido como “Nossa Senhora da Providência”, se tornando “Itabi” apenas em 1944, pelo poeta sergipano Simeão Sobral. A emancipação só foi realizada no dia 25 de novembro de 1953.

² Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itabi> > . Acesso em: 10/06/2018.

Disponível em: < <https://www.itabi.se.gov.br> > Acesso em: 10/06/2018.

TABELA 1- INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O MUNICÍPIO DE ITABI

ÁREA TERRESTRE	184,4 km ²
ALTITUDE	100,0 m
MUNICÍPIOS LIMÍTROFES:	Gararu, Canhoba, Graccho Cardoso e Nossa Senhora de Lourdes
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	Latitude S: 10°07'89" · Longitude W:37°06'20"
PRECIPITAÇÃO MÉDIA ANUAL	640,21 mm
TEMPERATURA MÉDIA ANUAL	25,2 °C
PERÍODO CHUVOSO	Março a agosto
SOLO	Litólicos Eutróficos e Podzólico Vermelho Amarelo Equivalente Eutrífico
BACIAS HIDROGRÁFICAS E PRINCIPAIS MANANCIAIS	Bacia do Rio São Francisco e Rio Gararu
MESORREGIÃO:	Sertão Sergipano
MICRORREGIAO	Sergipana do Sertão do São Francisco
DISTANCIA EM RELAÇÃO A ARACAJU	Linha reta: 87 km

FONTE: EMDAGRO/ASPLAN IBGE/ SEPLANTEC

Em relação à economia, de acordo com o Censo de 2010³, a cidade de Itabi possui trinta comunidades existentes. Praticamente metade de sua população é rural (2.220). O lugar, que já foi um dos principais produtores de algodão no estado de Sergipe, atualmente produz feijão, milho e mandioca. Mas, a criação de rebanhos merece destaque no município. A maior produção é de Galos, frangas, frangos e pintos (cerca de 46 mil cabeças), seguida de bovinos (cerca de 13 mil) e outras produções como ovinos e suínos. Além disto, existe a produção de

³ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/itabi/panorama>>. Acesso em: 10/06/2018.

leite (cerca de 7.525 mil litros) e ovos de galinha (cerca de 25 mil dúzias). Estes dados foram coletados entre os anos de 2010 a 2012, pelo IBGE/ Produção Pecuária Municipal.

Este município e três de seus povoados- Barreiro Comprido, Mão esquerda e Seguidores de Canudos de Melancia, foram o cenário das gravações para o projeto “O Sertão entre a flor e os espinhos”. O motivo se refere à proximidade familiar da autora do projeto com o local, que abriga diversos amigos e familiares e também a ideia de escolher um município que estivesse em Sergipe, menor estado do país e conseqüentemente com menor visibilidade na mídia, dando voz às minorias.

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

POPULAÇÃO E NÚMERO DE DOMICÍLIOS NO MUNICÍPIO – 2000/2010

Discriminação	2000	%	2010	%	Varição (%) 2010/2000
População por domicílio	5.174	100,0	4.972	100,0	-3,90
Urbana	2.638	51,00	2.752	55,00	4,32
Rural	2.536	49,00	2.220	45,00	-12,46
População por sexo	5.174	100,0	4.972	100,0	-3,90
Masculina	2.650	51,00	2.478	50,00	-6,49
Feminina	2.524	49,00	2.494	50,00	-1,18
Densidade demográfica (hab/km²)	28,05	-	26,96	-	-3,88
Domicílio total	1.388	100,0	1.572	100,0	13,25
Urbano	765	55,00	926	59,00	21,04
Rural	623	45,00	646	41,00	3,69
Habitantes por domicílio	3,27	-	3,16	-	-3,36
Famílias por domicílio	1.388	100,0	1.572	100,0	13,25
Urbano	765	55,00	926	59,00	21,04
Rural	623	45,00	646	41,00	3,69

Fonte: IBGE:Censo Demográfico 2000 e 2010.

FONTE: IBGE: CENSO DEMOGRÁFICO 2000 E 2010.

TABELA 3- FONTE DE RENDA NO MUNICÍPIO

CULTURAS	INDICADORES	UNID	2010	2011	2012
Mandioca	Área colhida	ha.	10	10	10
	Produção	t	110	110	120
	Rendimento médio	kg/ha.	11.000	11.000	12.000
	Valor da produção	R\$ 1.000,00	18,70	22,00	43,,92
Milho	Área colhida	ha.	1.100	720	220
	Produção	t	1.980	1.600	231
	Rendimento médio	kg/ha.	1.800	2.000	1.050
	Valor da produção	R\$ 1.000,00	825,66	693,28	138,60
Feijão	Área colhida	ha.	300	120	20
	Produção	t	124	38	5
	Rendimento médio	kg/ha.	413	317	250
	Valor da produção	R\$ 1.000,00	282,,56	74,39	11,,43

Fonte: IBGE/Produção Agrícola Municipal 2010, 2011 e 2012.

PRINCIPAIS CRIAÇÕES

Efetivo dos Rebanhos	Unid	2010	2011	2012
Bovinos	cab	11.850	13.100	13.520
Eqüinos	cab	540	560	530
Suínos	cab	1.020	1.065	990
Ovinos	cab	1.530	1.430	1.380
Galos, frangas, frangos e pintos	cab	42.300	44.650	46.530
Galinhas	cab	4.100	4.200	4.120
Vacas ordenhadas	cab	3.650	3.930	3.980
Leite de vaca	mil l	7.282	7.840	7.525
Ovos de galinha	mil dz.	23	23	25

Fonte: IBGE/Produção Pecuária Municipal 2010, 2011 e 2012.

FONTE: IBGE / PRODUÇÃO PECUÁRIA MUNICIPAL 2010, 2011 E 2012.

2.1 Justificativa e problematização sobre a temática

A imagem da seca começou a ser retratada em alguns veículos de comunicação, tornando-a o principal problema da região. Isto reforça o estereótipo negativo que intensifica uma situação climática e não os aspectos estruturais, voltados às condições sociopolíticas de desigualdade.

Visando desconstruir estas concepções relacionadas ao sertão nordestino e seus moradores, o projeto “O sertão entre a flor e os espinhos” foi criado, sendo composto principalmente pelo documentário como produto final. Para embasar o aspecto da mídia tradicional como um veículo que reforça um estereótipo, duas reportagens foram apropriadas como exemplo. A primeira da Rede Record (YOUTUBE.COM.BR, 2017), chama-se “Câmera Record mostra dificuldade das famílias que enfrentam a seca” e foi lançada no final de 2017.

A matéria percorre três estados nordestinos (Pernambuco, Piauí e Ceará), e começa com um tom -que é reforçado pela trilha sonora, de suspense e terror, com as seguintes frases: “uma viagem longa”, “paisagens desérticas”, ao mostrar imagens da vegetação, como se estivesse no que eles chamam de um “corredor da morte”. A reportagem se foca em falar de Salitre, município no interior do Ceará. A cidade apresenta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), mais baixo do estado e condições de vida ruins para alguns moradores. Por exemplo, Francineide, que é agricultora, tem 36 anos e cinco filhos, vive em condições muito ruins devido a casa onde mora, a falta de móveis e alimento, infraestrutura, desemprego e apesar de possuir uma cisterna, ninguém abastece, fazendo-a buscar água com a vizinha. Ela é a principal personagem desta reportagem.

A reportagem, no entanto, relaciona apenas a seca como o principal problema vivenciado na vida da agricultora. Por meio de termos como “terra seca”, “para dar banho nas crianças, cada gota de água é preciosa”, “um hino ao sofrimento nordestino”, associado à canção Asa Branca, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, “terra de coloração alaranjada”, “famílias judiadas pela seca”, “ não tem água para todos”, percebe-se um reforço negativo causado pela mídia. Não se questiona, em nenhum momento, o poder público para descobrir o por que a cisterna de Francineide não tem água.

Outra reportagem, só que dessa vez veiculada pelo programa “Profissão Repórter” da Rede Globo, também reforça o estereótipo (G1.COM.BR, 2017). Lançada em maio de 2017, a matéria “Nordeste brasileiro vive a pior seca dos últimos cem anos”, mostra a história de alguns sertanejos que estão sendo afetados com a seca. Entre eles, “Jusci”, uma mulher que precisa caminhar oito quilômetros porque o carro-pipa não chega na casa dela. Durante a caminhada, a reportagem intensifica a dor da mulher dizendo “ ô meu deus, bota uma nuvem nesse céu – ela reza no caminho”. Ao longo do texto, a reportagem exhibe foto de animais mortos por causa da “ seca no Nordeste”.

A matéria chega a citar um programa “ antigo do governo federal no combate à seca” que distribui água, mas não se aprofunda no assunto. Logo em seguida, exhibe a transposição do rio São Francisco como sendo algo positivo e uma aparente “solução” dos problemas em relação à seca.

A reportagem finaliza com fotos, uma da repórter no meio da vegetação (entre mandacarus, com a legenda: a repórter registra a seca em Tabira), e ainda a repórter ajudando a Jusci, a empurrar o carrinho que ela vai buscar água. Por fim, uma imagem que diz “a

transposição do rio São Francisco é a esperança para acabar com a seca”, apontando uma solução para esta questão climática.

Analisando então esta problematização que existe em torno da temática “seca”, se desenvolveu um projeto que abordasse este tema de uma forma diferenciada, com as próprias falas de quem convive com isto diariamente e com base em alguns conceitos propostos por Carlos Garcia, em seu livro “O que é Nordeste Brasileiro”. O autor começa definindo o que é o sertão como uma

região mais extensa e equivale a mais da metade do território nordestino. Possui clima tropical semiárido e é coberto, quase que em sua totalidade, por uma vegetação denominada caatinga (palavra de origem tupi que significa mato branco), onde predominam plantas xerófilas, espécies que, por sua estrutura especial, resistem a carência de água. (GARCIA, 1986, p. 20)

A partir daí entende-se que as temperaturas elevadas, faltas de chuva e plantas espinhosas são características naturais da região. O autor ainda aponta que o semiárido tem condições de se tornar uma área produtora de riquezas desde que se desista de combater a seca e se passe a conviver com ela, mostrando que não existe uma “receita mágica”, que acabe com este fenômeno, mas que são necessárias medidas de convivência e adaptação para viver melhor nos períodos críticos (GARCIA, 1986).

Ele destaca também que (GARCIA, 1986, p. 33-34), “quem porventura imaginar serem os sertões nordestinos tristes desertos onde apenas os cactos conseguem sobreviver, se espantará ao deparar férteis parreiras às margens do São Francisco. [...] Pode parecer paradoxal, não representará exagero afirmar que a natureza foi generosa com o Nordeste e não madrasta, como é hábito se dizer”.

Com isto, procurou-se trabalhar a questão da identificação com os personagens, deixando que as histórias fossem contadas a partir de quem mora nesta região e não do repórter observador. Assumir uma visão e uma postura crítica desta temática, também é o objetivo deste projeto, por isto a escolha do documentário como gênero. Em “Tradições e Reflexões”, Penafria explica que,

Entender o documentário como o “tratamento criativo da realidade”, não é apenas uma definição, mas um modo de o problematizar (como sabemos, esta definição é atribuída a John Grierson, nos anos 30). Logo à partida, esta proposta refere o “tratamento criativo”

como condição de afirmação de um filme que toma como ponto de partida o registo da realidade; e esse registo não pode deixar de ser, também, um ponto de chegada; ou seja, se o documentário parte da realidade é para sobre ela se pronunciar, comentar, explicar, mas, também, não ficará excluída a possibilidade de a transformar ou alterar os modos como com ela nos relacionamos. E esse relacionamento não se encontra destituído de uma forma estética já que o filme, enquanto mediação, adota formas a partir das quais atinge o espectador com o intuito de o sensibilizar, informar, indagar, etc. (PENAFRIA, 2011, p.8)

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

-Experimentar a produção de um documentário audiovisual em todas as etapas, iniciando pelo roteiro, pré-produção, produção, gravação e edição e, por meio dele desconstruir o estereótipo ou preconceito que possa existir em relação ao sertão nordestino.

3.2 Específicos

-Exaltar o povo nordestino, em especial, o que vive no Sertão.

-Associar questões de identidade e pertencimento com o lugar (espaço físico, estático), trazendo aspectos culturais, como família, tradição.

-Corroborar as discussões sobre como as “minorias” são discutidas pela mídia, de modo a ser “alternativo”, dando “voz” a estes personagens.

-Desenvolver técnicas de entrevistas e de empatia com os entrevistados, de modo a respeitar as diferentes histórias.

-Aperfeiçoar técnicas de edição de vídeo.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA RELATIVA AO GÊNERO E FORMATO ESCOLHIDOS

O documentário se apresenta como um novo gênero, principalmente ligado à narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo. De acordo com Puccini,

A frase clássica de Greison define o documentário como um tratamento criativo das atualidades. Algumas vezes a frase é citada

como a substituição de atualidades por realidade, o que não é de todo fora do campo conotativo do termo actualy. [...]. O documentarismo inglês constitui o primeiro momento no qual o documentário pensa a si mesmo, enquanto forma narrativa particular. (PUCCINI, 2010, p.55)

O gênero então surge com a ideia de representar a realidade, que parte da percepção do documentarista e de seus recortes, o que pode se destacar como uma semelhança ao jornalismo, até por ser uma interpretação do mundo. De acordo com Cristina Teixeira Vieira de Melo, autora do artigo “O documentário como gênero audiovisual”,

As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como “lugar de revelação” e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa. Diferentemente, portanto, do filme de ficção, no qual aceitamos o jogo de faz-de-conta proposto pelo diretor, não tendo, assim, cabimento discutir questões de legitimidade ou autenticidade; ao nos depararmos com um documentário ou matéria jornalística, esperamos encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento. No entanto, não devemos esquecer que qualquer relato (independentemente de sua natureza) é sempre resultado de um trabalho de síntese, que envolve a seleção e a ordenação de informações. Assim, tanto nas narrativas pessoais como nas jornalísticas, o sujeito-autor cria uma situação nova a partir de um fato que já passou. Essa situação nova não é um espelho fiel da realidade, mas sua representação. Dessa forma, mesmo configurando-se como um discurso sobre o real, documentários e reportagens não são reflexos. Ou seja, no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos. (MELO, 2002, p. 28)

Apesar das semelhanças, o documentário se diferencia em alguns aspectos do jornalismo. A autora destaca a questão da polifonia de vozes. Ela explica, embasada em autores, que no

telejornalismo trabalha-se no sentido de que as vozes apareçam de forma mais ou menos autônoma, prescindindo de qualquer síntese global (Machado, 2000). No mesmo sentido, Fiske (1987, p. 304), afirma que: "O telejornal é uma montagem de vozes, muitas delas contraditórias, e sua estrutura narrativa não é suficientemente poderosa para ditar a qual voz nós devemos prestar mais atenção, ou qual delas deve ser usada como moldura para, através dela, entender o resto". Já no documentário, podemos supor que a tal síntese se revela no caráter autoral do gênero, traduzido pela relação estabelecida entre o ponto de vista e a maneira como a tese defendida pelo documentarista se materializa no filme. No documentário, a costura de vozes caminha para que, ao final, o espectador chegue a um entendimento claro de qual é o posicionamento do documentarista sobre o tema retratado. Tudo é

trabalhado para assinalar o ponto de vista do diretor. (MELO, 2002, p.32)

Durante a realização das entrevistas para o desenvolvimento deste projeto e no processo de pós-produção, no momento da edição, foi realizada uma “costura de vozes” entre os personagens, com o intuito de montar uma narrativa, que causasse um entendimento no espectador sobre a mensagem central deste trabalho. Outra diferença que o gênero começa a apresentar, aos longos dos anos, é suscitar a questão da “voz” dos personagens, não sendo imparcial (característica que o gênero jornalístico afirma ter), sendo um elemento criativo e não necessariamente com um padrão estético definido.

Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um star system estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente. (PESSOA, 2008, p.22)

4.1 Documentário verdade

A partir dos anos 1960, surge um novo estilo no cinema, o estilo direto/verdade, que passa a tratar de questões mais dialógicas. O mundo parece poder falar por si, e a fala do mundo, a fala das pessoas, é predominantemente dialógica. A tendência mais participativa do cinema direto/verdade introduz no documentário uma nova maneira de enunciar: a entrevista ou depoimento (PESSOA, 2008). Questões éticas, sociais, políticas e de alteridade começam a ser o centro das discussões abordadas pelos documentários, que cada vez mais têm sido usados para representar grupos que são “excluídos” ou estereotipados pelos principais veículos de comunicação.

O cineasta também muda, passa de ser uma “voz de deus”, com toda a supremacia do conhecimento e passa a ser interativo, observador, parte daquela narrativa e é nesta aposta que o produto deste projeto se aplica, por meio da participação empática da jornalista. Segundo Pessoa,

Ao documentário com estilo participativo no embate com o mundo na tomada, utilizando entrevistas e com ação direta do cineasta, deu-se o nome de cinema verdade. A nova forma estilística documentária do direto, baseada em entrevistas e depoimentos, afirma-se e

expande-se rapidamente, atingindo seu auge nas décadas seguintes.
(PESSOA, 2008, p. 270)

Pela proximidade com o público, na figura dos entrevistados, por não ter uma “voz de Deus” e por se embasar mais em uma narrativa construída nas entrevistas, pode-se afirmar que o projeto “O sertão entre a flor e os espinhos”, se encaixa no chamado “cinema direto”.

4.2 Eduardo Coutinho: O fim e o princípio

No que se refere à estética do documentário e da forma de abordar aos personagens, o estilo do documentarista Eduardo Coutinho”, em específico, por meio de seu filme “O fim e o princípio”⁴ foi utilizado como base. O autor valorizava a entrevista em detrimento dos efeitos de edição e fotografia. Gravado em 2006, no Sertão da Paraíba, durante quatro semanas, o filme foi feito sem pesquisa prévia, sem tema ou personagens definidas.

A única pesquisa prévia feita pelo autor foi de hospedagem e a partir disso, a equipe foi conversando com as pessoas na região. Na gravação, o autor não se foca na seca, mas em conhecer a história dos personagens. No filme, ele deixa que os personagens relatem suas histórias, intervindo algumas vezes e tomando, em alguns momentos, outros rumos nos assuntos tratados a partir da fala dos personagens. O autor não se preocupa com uma edição muito elaborada, cheia de efeitos e transições: foca-se mais no conteúdo, por meio de uma montagem de evidência.

“Em vez de organizar os cortes para dar a sensação de tempo e espaços únicos, unificados, em que seguimos as ações dos personagens principais, a montagem em evidencia os organiza dentro da cena de modo a dar impressão de um argumento único, convincente, sustentado por uma lógica.” (NICHOLLS, p. 58, 2010)

Ao projeto apresentado, se estimou uma aproximação ao estilo de produção documental do autor Eduardo Coutinho, tanto pela empatia que ele desenvolveu ao longo do projeto, como por desejar abordar questões e temáticas novas que estão fora do convencional, ou por não se ligar muito às questões estéticas. O conteúdo e o entrevistado são os focos principais deste novo estilo documental, que apresenta questões éticas, ligadas ao social.

⁴Trailer do documentário “O fim e o Princípio” de Eduardo Coutinho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ks51cbDjLu0>>. Acesso em: 24/10/2017.

4.3 Formato escolhido

Por meio deste projeto, os personagens puderam contar parte de histórias sobre suas experiências, e o mais interessante é que cada um tem uma forma de “olhar o mundo”. Mas, a intenção foi de uni-los no aspecto do sentimento e identidade pela sua terra. O tipo de documentário se baseou nas definições de Nichols e apresenta traços do modelo expositivo sendo essencialmente participativo.

O modo expositivo, de acordo com o autor vai enfatizar uma lógica argumentativa e o participativo, a interação do cineasta com o tema. Toda filmagem aconteceu de forma empática e relacional com os personagens. A ideia foi de causar o mínimo de intervenção por parte da repórter nas respostas dadas e o máximo de espontaneidade dos personagens, como se a câmera não “existisse”, naquele ambiente. Isto, no ponto de vista da autora do projeto, torna o produto muito mais verídico e próximo da realidade.

De repente, o documentário poético parecia abstrato demais, e o documentário expositivo, didático demais, pois se provou ser possível filmar acontecimentos cotidianos com um mínimo de encenação e intervenção. (NICHOLS, p. 134, 2010)

Durante a montagem, buscou-se construir uma narrativa que se embasasse em um argumento de respeito aos diversos locais e a quebra de preconceitos por meio da exibição de como é viver no sertão.

O modo expositivo, presente essencialmente nesta produção tem a intenção de montar uma base de argumentos que convençam ao telespectador do que propriamente a estética do filme, sendo assim uma produção com uma linguagem mais objetiva, com uma argumentação construída.

Neste projeto também não se usa “voz over” no sentido de trazer uma certa superioridade. A voz da autora aparece apenas em um momento com a intenção de informar ou situar o ouvinte. Isto será realizado também por meio de caixas animadas explicativas. Outro modo utilizado neste trabalho foi o participativo, que enfatiza a interação de cineasta e tema. O envolvimento no momento da filmagem é mais direto, sem a ideia de afastamento ou de imparcialidade. A participação e observação são muito maiores por parte da cinegrafista.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO TEMA

No artigo “O regionalismo nordestino: existência e coexistência da desigualdade regional”, Rosa Maria Godoy Silveira aponta que

As análises são unânimes na caracterização "dois Brasis": um arcaico, subdesenvolvido, localizado, sobretudo no Nordeste agrário; outros modernos, identificados com o progresso e desenvolvimento, localizado no Centro-Sul industrial. A noção de centro-periferia, aplicada à interpretação das disparidades entre as nações, era transposta para as interpretações das desigualdades regionais internas ao país, sob uma perspectiva de interesses urbano-industriais, que consubstancia, destarte, uma segunda vertente historiográfica sobre o Nordeste, de feição liberal neoclássica. (SILVEIRA, 1984, p. 29)

O Nordeste, para a autora, é visto como o elo mais fraco do processo produtivo sob o capitalismo tardio da nação, gerando desigualdades sociais, e apresentando contrates em desenvolvimento e escassez, riqueza e pobreza sob mesma teia capitalista, o que ela chama de “caracterização da identidade regional em estado de crise e sua oposição a uma outra identidade espacial, o Sul do país” (SILVEIRA, 1984, p.16). Como citado no início deste relatório, estes elementos de separação atenuaram as desigualdades regionais e trouxeram um sentimento de “superioridade”.

De acordo com Maura Penna, ⁵“a identidade ideológica – cultural e a representatividade política que especificam o espaço como regional são” construídas “pelo regionalismo...”(PENNA, 1992, p. 20). Por este motivo, ainda de acordo com ela, a identidade não está na condição de nordestino, mas sim no modo como esta condição é apreendida e organizada simbolicamente. Entende-se então o regionalismo como um problema político, que propicia o desenvolvimento de preconceitos regionais, baseando sua análise a partir do fator geográfico (PENNA, 1992).

As lutas a respeito da identidade regional [...] são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o

⁵Artigo utilizado para embasar o conteúdo. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/a-historicidade-do-regionalismo-nordestino-no-contexto-da-geografia-critica/13920>>. Acesso em: 15/10/2018.

poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (BOURDIEU, 2004, p. 113).

A ideia do "Regionalismo nordestino"⁶ se desenvolveu no período de “decadência” do Nordeste, durante o século XX, com a industrialização no Sudeste. Sob o argumento de pobreza regional, liderado principalmente pelos coronéis e senhores de terra, geralmente associado ao fenômeno climático das secas, a região começou a vivenciar o “mito das secas”.

Após a grande seca de 1877/1878 atingir a classe média alta, este fenômeno na região – que já era marcada pelo coronelismo, começa a ser apontado como problema, mesmo as questões sendo mais políticas e sociais, do que propriamente climáticas. Quando se fala em Nordeste, a lembrança que surge é de uma região em extrema miséria, sujeita a secas periódicas que dizimam rebanhos e frustram as lavouras, provocando êxodo e a morte por fome e sede (GARCIA,1986).

A seca, com o passar dos anos, foi se tornando então o grande estereótipo do Nordeste, principalmente no aspecto do Sertão Nordestino, estereótipo este que é reforçado pelos veículos tradicionais de comunicação, como citado acima. Entende-se então que seria muito mais interessante e relevante discutir problemas estruturais que são reflexos de uma desigualdade socioeconômica e política, do que necessariamente uma forma de extinguir à seca, que é um fator climático. Inclusive, na realização deste projeto, constatou-se que o sertanejo tem buscado se adaptar ao clima.

5. 1 Identidade e Lugar

Para realizar este documentário, não apenas a parte técnica foi estudada, /no que se refere à filmagem, edição e montagem. Abordar temas que envolvam a realidade do “outro” envolvem estudos multidisciplinares. Já que o tema do vídeo traria uma questão de afinidade pelo seu lugar, um respeito à terra e traria a questão da seca, a partir da própria percepção dos personagens, o conceito de cultura precisou ser revisto. Ele já havia sido estudado durante o

⁶ Artigo utilizado para embasar o conteúdo. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/a-historicidade-do-regionalismo-nordestino-no-contexto-da-geografia-critica/13920>>. Acesso em: 15/10/2018.

curso por meio das disciplinas de “Antropologia” e “Cultura Brasileira” e foi tida uma maior percepção por meio da disciplina de Realidade Socioeconômica e Política Brasileira.

A definição de “Cultura” é delicada, pois, pode representar diversas conotações no sentido de sua origem, dominação hegemônica, um estilo de vida ou hábitos, entre outras. A cultura é um processo identitário, que se relaciona às experiências, prazeres, memórias e tradições do povo (NUNES, 2003). A cultura pode ser compartilhada com seus “semelhantes” (HALL, 2003).

O autor ainda aponta que a identidade é formada, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e algo não inato, existente na consciência no momento do nascimento (HALL, 2003). Ou seja, o processo de identidade é um símbolo que é construído em sociedade e que molda as relações de poder. Na sociedade, pode ser algo imposto ao indivíduo.

Porém, quando o assunto se refere ao lugar estático de onde uma pessoa nasceu e viveu, apesar de suas experiências estarem em constante mudança, o indivíduo cria um “afeto” por aquele lugar. Em seu livro “Espaço e Lugar” para Yi Fu Tuan (2015), o lugar se refere à segurança e se associa à casa, à cidade, ao bairro onde as pessoas moram. A este lugar ocorre uma atribuição de valor, pois as necessidades biológicas são supridas. Lá é o lugar onde se descansa, onde acontece a “pausa” do dia, é o local do alimento, do refúgio, da família. O lugar se torna íntimo, permitindo que se crie carinho por ele, tornando a terra, um “lugar” aconchegante (TUAN, 2015).

Renato Ortiz, importante autor das Ciências Sociais e com foco no estudo da Cultura, em “Imagens do Brasil” (2013), entende que a identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a um referente, no caso, a nação. Um símbolo não necessariamente veio do consciente, mas representa um vínculo com outro, permitindo que se enxergue o “outro”, na relação (ORTIZ, 2013). A identidade nordestina foi construída no modo nacional como inferior, se pautando em estereótipos. A intenção é resgatar a identidade nordestina como de um povo que se enxerga como forte, tendo uma ligação intensa com sua terra.

Na busca por identidade se delimita uma fronteira entre o “nós” e aquele que é de fora. Neste processo tem o que cede e o que realiza de fato a apropriação cultural. A região Nordeste, muito se apropriou de culturas africanas, principalmente e indígenas, já como base de uma origem.

Existe então a construção de sentidos e a ideia de comunidade imaginada, quando o indivíduo se sente pertencente daquele grupo. A construção de sentidos influencia conseqüentemente nas ações em sociedade e na concepção do indivíduo sobre si mesmo. Existem diferenças culturais, apesar da tentativa de unificar a identidade nacional, mas diferenças não podem representar exclusão ou preconceitos e sim, convivência. Provavelmente, os estereótipos não se desconstroem por meio de um “fechamento” ou isolamento regional e sim a abertura, para que as diversidades constitutivas de cada área sejam conhecidas pela sociedade (HALL, 2003).

6 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Para produção tanto do projeto como do documentário, foi realizado um levantamento bibliográfico a partir do livro “Introdução ao Documentário” (2010), de Bill Nichols e, “Mas afinal... O que é mesmo documentário?” (2008), de Fernão Pessoa. Este levantamento teve como finalidade, aprimorar o conhecimento aprendido em sala de aula acerca do assunto, no aspecto de sua pré-produção, produção, execução e finalização. A escolha destes livros foi por conta de eles serem apresentados durante o curso de Jornalismo, como referências no assunto.

Ao decorrer da execução do projeto, buscou-se utilizar o instrumento de coleta de dados, com o objetivo de identificar as características do Sertão nordestino, condições climáticas, regionais, históricas, em específico, no Estado de Sergipe, com o campo de pesquisa voltado ao município de Itabi, que tem aproximadamente cinco mil habitantes.

O conceito de pesquisa etnográfica foi utilizado para analisar os aspectos culturais da região. De acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD) - ⁷ “Etnografia significa, literalmente, a descrição de um povo. Ela surge no final do século XIX e início do século XX com a necessidade de pesquisadores entenderem de forma mais adequada e aprofundada comunidades e grupos sociais – até então, todo conhecimento provinha de especulação da filosofia social, sem contato nenhum com a sociedade. Os pesquisadores desta época chegaram à conclusão de que apenas o contato real em campo poderia descrever melhor a cultura de um povo”. É neste ponto que se encontra um dos principais pontos relacionados à etnografia: a pesquisa etnográfica tem como foco entender a cultura de comunidades e grupos sociais.

⁷ Disponível em: < <https://www.ibpad.com.br/>>. Acesso em: 05/09/2018

Na fase de pré-produção, visando identificar o estereótipo reforçado pela mídia, foram analisadas duas reportagens em veículos diferentes de comunicação, uma da rede Globo e outra da Rede Record-citadas no tópico “fundamentação teórica”. O conteúdo acerca do sertão nordestino no aspecto da desconstrução do estereótipo foi embasado nas orientações de Carlos Garcia, por meio do seu livro “O que é Nordeste Brasileiro” (1987). Para a escolha das fontes/ personagens que participaram do vídeo, foi utilizado auxílio local na região, por meio de Maria de Oliveira, uma moradora de Itabi desde seu nascimento. Ela foi escolhida como a “guia” para a escolha dos personagens porque já foi professora no município e atualmente é diretora de escola. Ela já participou de diversos encontros de moradores na cidade, por isto tem amplo conhecimento acerca do município e dos personagens que seriam interessantes para este trabalho.

Antes da visita a Sergipe, e ao município de Itabi e seus povoados, foi montado um pré-roteiro com perguntas iniciais, ideias de enquadramento e sobre o que seria gravado. A visita a Itabi, município do sertão do estado de Sergipe, ocorreu em dois momentos, uma no mês de janeiro e a outra em fevereiro. Os seguintes povoados também foram visitados: Barreiro Comprido, Mão Esquerda, Seguidores de Canudos de Melancia e por fim, o município de Gararu, que fica a 20 km de Itabi. Cada visita durou quatro dias.

Na primeira visita, o objetivo foi de conversar acerca da história do personagem, e o segundo, para conhecer sua rotina de trabalho. As filmagens foram feitas com uma câmera Canon Eo5, lapela e tripé. Oito pessoas participaram do documentário, contando histórias sobre seus trabalhos, anseios, dificuldades e experiências. As entrevistas tinham o objetivo de trazer uma linguagem simples, de forma que os personagens se sentissem “à vontade”, diante das câmeras, no sentido de uma conversa com o documentarista, para captar a forma mais “real” das pessoas.

Para embasar este conceito, Eduardo Coutinho, por meio de seu filme “O fim e o Princípio” foi utilizado. A ideia então era que os personagens construíssem sua própria narrativa e seus relatos por meio de perguntas iniciais e algumas intervenções da repórter, baseado neste filme. Além das entrevistas, foram captadas imagens do lugar no sentido de registrar a natureza e vegetações locais, animais e a cidade. O material conta com vídeos estáticos, panorâmicas, travelling, entre outros cortes. A escolha destas imagens foi feita com o objetivo de dar movimento à cena, indicar que a equipe se deslocou daquele lugar e outras para simplesmente, mostrar a calma do sertão. Cada imagem foi pensada e baseada em

técnicas de enquadramento, com algumas defasagens devido à limitação dos materiais e equipe, dificuldade encontrada para o desenvolvimento deste projeto.

As entrevistas com relatos, por exemplos, foram gravadas apenas em um plano e nas entrevistas que mostraram ‘formas de trabalho’, foi utilizada a técnica “câmera na mão”. Durante as entrevistas foi utilizado então: câmera na mão, plano médio, primeiro plano, plano geral, zoom e plano americano. Estas técnicas foram aprendidas em sala de aula e por meio de leitura do livro “Introdução ao Documentário”, de Bill Nichols.

Após colher todo o material, se iniciou o processo de pós-produção e utilizou-se a leitura do livro “Roteiro de Documentário”, de Sérgio Puccini. Em um primeiro momento, foi realizada a decupagem e separação de todo o material colhido durante as visitas, com o objetivo de analisar os melhores momentos de cada vídeo. A partir disto foi possível começar a construir uma narrativa, a partir da fala dos personagens além de filtrar o que deveria ser posto ou não. O vídeo foi editado na plataforma Premiere, e teve início por meio de etapas de separação, cortes das melhores partes, ajustes sonoros, escolha da trilha sonora, da criação de arte, créditos, ajuste da imagem, entre outros processos de pós-produção de um vídeo. Um trabalho longo e cansativo que vem sendo realizado desde o mês de abril.

Praticamente, todos estes processos serão feitos pela autora deste projeto. Porém, a parte da construção de identidade visual (como os boxes do GC, título, logotipo) foram desenvolvidas por Ana Massa e Ariel Satie, estudantes de design da UNESP/ Bauru. A edição recebeu uma colaboração, do editor de vídeo da TV FIB, Bruno Rossi e editor de vídeo da TV UNESP, Octavio Nascimento. Estes profissionais contribuíram nos ajustes sonoros, de luz e imagem, partes mais técnicas, não inerentes ao profissional jornalista além de orientarem para o melhor desenvolvimento do trabalho.

O projeto conta também com um material extra (fotográfico-colhido durante a gravação do documentário-e escrito, dividido em editorial, história dos personagens e da cidade de Itabi) que foi publicado no site “Meus Sertões”, uma parceria feita com o jornalista Paulo Oliveira. A produção deste conteúdo partiu de um contato com o jornalista e a proposta de uma parceria. A ideia foi de produzir um editorial sobre o projeto, um texto de perfil sobre os personagens e um texto explicativo sobre a cidade de Itabi, visando mostrar as diferentes linguagens e causar uma expectativa acerca do lançamento do vídeo. Todo o trabalho textual foi revisado pelo orientador e pelo jornalista.

A equipe do site iniciou a publicação do projeto por meio dos textos no dia 23 de outubro e a publicação oficial do documentário no dia 29 de novembro. Anterior a este período, no dia 20 de setembro, o jornalista Paulo Oliveira publicou uma entrevista junto com a repórter para abordar em um primeiro momento, o projeto. Este material foi pensado como uma extensão do vídeo e tem como objetivo expandir a visão das pessoas e trazer mais conhecimentos extras que não estarão no documentário. No dia 01 de novembro, o site também divulgou o teaser do documentário⁸, que também foi produzido pela autora do projeto.

O vídeo também será publicado na página no Youtube e facebook (redes sociais) da repórter. Foi firmada uma parceria com a TV Aperipê, da cidade de Aracaju e pretende-se veicular o vídeo, também na TV Unesp. No mês de dezembro em Parceria com “O projeto dos Sonhos” (OPS), o vídeo será exibido no Núcleo de Produção Digital Orlando Vieira, no dia 19 de dezembro, às 19 horas, e no Museu da Gente Sergipana, no dia 20 de dezembro, das 17 às 20 horas, na cidade de Aracaju. Uma data também está sendo organizada para exibição no município de Itabi, no dia 02 de janeiro de 2019, às 16h, no Centro de Excelência “Maria das Graças Menezes Moura”. Após as exibições, deseja-se promover uma discussão com a autora do projeto, poetas, escritores locais assim como a população em geral sobre identidade e cultura. Mídias locais também estão sendo contatadas para contribuir na divulgação das exibições.

7 DESCRIÇÃO DE CONTEÚDO

A estrutura deste produto é no formato de documentário de média-metragem, com aproximadamente 34 minutos. O projeto traz como trilha sonora as seguintes canções: Asa Branca, de Luiz Gonzaga com a Interpretação: Forró Miór, Asa Branca com a Interpretação de Pratú, Baião Destemperado de Barbatuques, Retirantes de Levi Leosan, Nordestinamente de Gerson Borges e Xote das Meninas, de Dominginhos. Elas foram escolhidas baseadas na relação da letra das músicas com a temática do vídeo e em cantores que são referência na música nordestina como Luiz Gonzaga e Dominginhos.

O início do vídeo tem a ideia de mesclar imagens do lugar com uma fala principal de um dos personagens, que resume a ideia do documentário. Uma proposta inicial também é

⁸ Teaser do documentário:< <https://www.youtube.com/watch?v=L9C2gfp830c&t=3s>>. Acesso em: 03/11/2018.

apresentar os personagens e ligá-los ao seu lugar de origem. Após este primeiro momento, pensou-se em dividir o documentário em três partes: a primeira, abordando a família- na qual os personagens têm a oportunidade de relatar suas experiências familiares, com os filhos, marido ou esposa, trazendo relações mais pessoais. Em um segundo momento, a ideia é que os personagens expliquem sobre seus trabalhos, suas formas de vida abordando a fabricação de queijo, a criação do gado, o cuidado com a casa, criação de galinhas entre outras atividades.

No terceiro momento, a temática da seca entrou em foco, com o objetivo de que os personagens comentassem sobre suas formas de conviver e lidar com a seca. O trabalho realizado por eles é feito como uma forma de sobrevivência e sustento, ao mesmo tempo em que representa um preparo em relação aos problemas climáticos vivenciados na região. Por fim, os personagens não romantizam o sertão, mas o humanizam, com a intenção de promover o respeito pelo povo sertanejo, que é tão batalhador e de “fé”, como eles mesmos consideram.

O título do projeto “ O sertão entre a flor e os espinhos” foi escolhido baseado na flor do mandacaru.⁹ A planta, muito comum na região, gera inicialmente um afastamento por conta dos espinhos. Mas quem repará-la perceberá sua grande beleza em meio às elevadas temperaturas. O verde da planta demonstra a esperança para o povo nordestino de dias melhores, seus espinhos representam que a vida-não apenas no sertão, mas como um todo, é difícil. Enfrentam-se problemas constantemente. Mas, ao mesmo tempo, os espinhos simbolizam adaptação. Se o mandacaru não tivesse espinhos, a planta morreria e não serviria de alimento aos animais. São os espinhos, que a fazem reter água e sobreviver. E esta planta ainda gera alimento para quem precisa nos momentos de dificuldade.

São os “espinhos” que tornam as pessoas adaptadas às circunstâncias da vida e que fortalecem ao povo nordestino e brasileiro, de modo geral. A sua bela flor indica chuva. A tão desejada chuva, que molha a terra e a faz florescer, frutificar. O sertão fica então entre a flor (esperança) e os espinhos (adaptação e resistência), que tornam quem vive lá, forte. Por isto, o logotipo e a identidade visual do projeto vão se embasar nesta planta. A identidade visual do vídeo, no aspecto do design gráfico, foi produzida por duas alunas do curso de design da Unesp, Ana Massa e Ariel Satie. A tipografia e a arte foram pensadas baseadas na literatura de

⁹Disponível em:< <https://angicoesuaslendas.blogspot.com/2014/04/a-lenda-do-mandacaru.html>>. Acesso em: 12/09/2018.

cordel, que é um tipo de arte muito comum na região. As cores usadas tanto nos boxes como nos títulos foram mais voltadas para tons de marrom.

Outro fator a se ressaltar é o logotipo do projeto, também desenvolvido pelas estudantes, que é um mandacaru com a flor amarela, dentro de um círculo. Apesar de ser comum, identidades visuais voltadas ao sertão que representam o mandacaru, a ideia de circular foi pensada com o intuito de mostrar que a vida é um ciclo, sem uma linearidade definida.

O processo de edição foi realizado inicialmente pela autora do projeto. Posteriormente, o projeto contou com o auxílio da TV UNESP, por meio de Octavio Nascimento, que atuou na revisão da montagem feita pela aluna e com dúvidas nas partes mais técnicas como regulação do áudio e som. A edição também foi orientada por Bruno Rossi, da TV FIB, que contribuiu com o empréstimo de material utilizado na gravação, com a câmera, tripé e lapela, que foram disponibilizados de forma gratuita. A execução do projeto foi custeada pela autora com auxílio dos seus pais para as viagens. Os custos com passagens aéreas, saindo de São Paulo a Aracaju (ida e volta), de Aracaju a Itabi, mais alimentação, foram em torno de 3.000,00 reais.

O público-alvo do vídeo é jovem e adulto de modo geral. No caso, dos que moram nas regiões Norte/Nordeste, a intenção é que o vídeo cause uma representação no aspecto de reforçar a identidade local. Já no caso dos que moram nas outras regiões (Centro-Oeste, Sudeste e Sul), o objetivo é desconstruir o estereótipo que causa preconceito e ao mesmo tempo, olhar quem vive no sertão como de pessoas batalhadoras, que tentam tornar melhor o lugar onde vivem. Não limitar o sertão à seca, como um problema que tenha solução. Mas que necessita de adaptação, porque a seca sempre vai existir e problemas ambientais/ climáticos existem em todo lugar, com suas peculiaridades e é necessário aceitar as diferenças do outro com respeito. O roteiro do projeto está em anexo neste relatório.

8 REPERCUSSÃO DO DOCUMENTÁRIO

No começo de 2018, foi firmada uma parceria com o site “Meus Sertões”.¹⁰ A parceria foi realizada porque os objetivos do projeto são semelhantes ao idealizador do site: trazer um

¹⁰Conteúdo extra publicado no site “Meus Sertões”. Disponível em: <<http://www.meussertoos.com.br/>>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

<<http://www.meussertoos.com.br/2018/10/03/o-convite/>> Acesso em: 03/10/2018

<<http://www.meussertoos.com.br/2018/10/10/vida-no-campo/>> Acesso em: 10/10/2018

novo olhar sobre o sertão nordestino. Desde então, a autora do projeto recebeu orientação do jornalista Paulo Oliveira com a publicação dos seguintes materiais: um editorial sobre o projeto, um texto sobre os personagens, outro sobre Itabi e por fim, um texto específico sobre a personagem Solange Santos.

Além dos textos foram publicados uma galeria de fotos¹¹, o teaser e o documentário, com lançamento no dia 29 de novembro no site. Para entrega, as datas estabelecidas com o jornalista foram: 22 de setembro (entrega dos textos para revisão), 19 de outubro (fotografias), teaser (01 de novembro) e documentário, entregue no dia 10 de novembro. Abaixo, um trecho da entrevista do jornalista Paulo Oliveira com a repórter, idealizadora do projeto, publicada no dia 20 de setembro.

Título: Identidade Nordestina

“Nesta entrevista para Meus Sertões, a estudante de jornalismo Camila Gabrielle, 21 anos, prestes a se formar, conta como surgiu o projeto “O sertão entre a flor e os espinhos”, nome do documentário que apresentará como TCC (trabalho de conclusão de curso), cujo tema são cidades, povoados e moradores do sertão sergipano.

Camila revela ainda como os nordestinos são vistos no sul do país, onde estuda. Angústia, saudades e simplicidade também são temas desta conversa com a jovem baiana que nos inspirou a criar o projeto “*Meus Sertões Universidade*”.

O que vem a ser o “O sertão entre a flor e os espinhos”?

Esta inspiração surgiu durante a visita a Itabi e seus povoados, no sertão sergipano. Lá, existem muitos mandacarus. Em um dos dias em que passei lá, uma flor do mandacaru estava aberta pela manhã. Uma linda flor branca, única, naquela grande planta verde e espinhosa. Tem uma música do Dominginhos que diz: “Mandacaru, quando fulora lá na seca, é o sinal que a chuva chega no sertão [...]”. Eu fiquei na dúvida se era verdade. Mas de forma impressionante, à tarde, começou a chover no sertão. Isto ficou no meu pensamento, a flor atrelada à chuva, à esperança.

<http://www.meussertoes.com.br/2018/10/16/9187/> Acesso em: 10/10/2018

¹¹ Galeria de fotos. Disponível em: < <http://www.meussertoes.com.br/2018/11/06/imagens-de-itabi/> >, acesso em: 06/11/2018

Daí comecei a ler sobre o simbolismo do mandacaru e pude perceber que ele representa a força do sertanejo. O verde é esperança; os espinhos representam as dificuldades e a adaptação; a flor, a chuva. Sem querer romantizar o sertão, mas humanizá-lo, eu percebi que aí estava o tema do meu projeto.

Por que você decidiu oferecer parceria ao site Meus Sertões?

Assim que eu comecei a desenvolver meu projeto, pensei em firmar parcerias para ajudar a divulgar. Não com o objetivo de me tornar famosa, mas a fim de espalhar a mensagem. Na universidade, eu ouvi falar de Meus Sertões como uma mídia alternativa aos veículos tradicionais de comunicação, trazendo um aspecto diferenciado sobre o sertão. Fui pesquisar e descobri que o *site* tinha o mesmo objetivo que eu. A partir daí, decidi entrar em contato e ver se topariam a parceria. E foi melhor do que eu pensei!

Qual a avaliação que você faz desta cooperação até o momento?

Está sendo maravilhoso. Desde o começo tive muita liberdade para expor minhas ideias, muito respeito em relação ao meu projeto e muito aprendizado. Cada orientação, dica, eu estou pegando (risos). Estou em formação, trabalhando com o Paulo que é superexperiente, isto tem sido uma honra para mim. Fico feliz que o meu projeto possa incentivar outros jovens a realizarem parcerias com o *site*.

O que será publicado no site?

O projeto “O sertão entre a flor e os espinhos” consiste na publicação de um editorial, um texto sobre Itabi e dois outros sobre os personagens. Além disso, teremos uma galeria de fotos, o *teaser* e, por fim, a publicação do documentário no dia 20 de novembro.

O que Itabi, cidade do sertão sergipano, representava para você antes de iniciar a produção do documentário e o que representa agora?

Itabi sempre foi uma cidade importante pra mim. Minhas bisavós são de lá, assim como minhas tias e tio da minha mãe. Minha mãe passou um tempo da infância lá. A ligação familiar sempre foi o elo entre mim e Itabi. Com o projeto, eu comecei a enxergar a cidade para além da família. Entender os aspectos climáticos, conhecer mais da região e ouvir novas histórias. A cidade é tão importante quanto qualquer outra que pertença ao sertão, eu a vejo com respeito por seus moradores enfrentarem períodos severos de seca sem esmorecer.

Agora, acima de tudo, minha identidade e cultura como nordestina ficaram afloradas. Eu passei a sentir orgulho daquele lugar. No começo, morando em São Paulo, eu me sentia um pouco inferior ou sentia que as pessoas achavam isso de mim. Hoje, eu tenho muito orgulho de falar de onde eu vim, quais são minhas origens, que o Nordeste não é só litoral. Que a alegria não é só dinheiro, é também simplicidade. E eu amo pertencer a isso. ”

Outro fator importante a se destacar, é que a parceria com o site “Meus sertões”, motivou a criação do projeto “Meus sertões Universidades”, no qual o site se propõe a orientar até três alunos com seus Trabalhos de Conclusão de Curso, sobre algum assunto ligado ao semiárido nordestino. A parceria foi relatada pela Abraji-Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. A matéria foi publicada no dia 26 de setembro de 2018.¹²

“Programa oferece orientação jornalística para TCCs sobre o semiárido brasileiro

Estudantes de graduação que pretendam abordar o semiárido brasileiro em seus trabalhos de conclusão de curso (TCC) podem contar com uma ajuda extra: o Meus Sertões Universidade. O programa oferece orientação jornalística gratuita para trabalhos práticos sobre o tema e a única exigência é que o orientador acadêmico esteja ciente e de acordo.

A iniciativa é conduzida pelo jornalista Paulo Oliveira, criador do site “Meus Sertões”. Segundo ele, a expectativa do projeto é, além de produzir bons trabalhos, “ajudar os participantes a conhecer melhor o semiárido”. “[É uma] região rica em saberes, cultura, história e muitas outras coisas que foram escamoteadas pela forma com que ela é retratada, principalmente no sul do país, onde o noticiário se volta para a miséria, a seca e o preconceito”, diz.

O site Meus Sertões surgiu em março de 2016 com o objetivo de descobrir e contar histórias do sertão do Brasil. Em fevereiro de 2017, foi procurado pela primeira vez pela estudante de jornalismo Camila Gabrielle, que compartilhava do mesmo incômodo que levou à criação do site. “Eu estudo jornalismo na Unesp em Bauru, mas sou nordestina. E aqui, percebi que infelizmente ainda existe preconceito de algumas pessoas em relação aos nordestinos e que o sertão sempre era visado como um lugar horrível”, conta a estudante.

12 Disponível em: <<http://abraji.org.br/noticias/programa-oferece-orientacao-jornalistica-para-tccs-sobre-o-semiarido-brasileiro>> .Acesso em: 26/09/2018

Alguns meses depois, Gabrielle retomou o contato com o Meus Sertões, desta vez para propor uma parceria: lançar no site o documentário que está produzindo como trabalho de conclusão de curso, junto com reportagens e uma galeria de fotos sobre a região. Além do espaço, a estudante passou a ter a ajuda de Paulo Oliveira. “O Paulo está me orientando sobre os textos, me deu várias dicas, tivemos várias conversas por Skype... enfim, está sendo uma parceria maravilhosa”, diz a jovem jornalista.

O sucesso da colaboração entre o veículo e a estudante foi o que motivou a criação do Meus Sertões Universidade. “É recompensador encontrar jovens interessados em temas relevantes, dispostos a dividir o conhecimento e que utilizam as críticas para aprimoramento pessoal e do trabalho que realizam”, afirma Oliveira.

O limite de acompanhamento é de três estudantes por ano, e para se candidatar basta enviar um e-mail para contato@meussertoes.com.br A orientação será feita continuamente por meios digitais, como WhatsApp, e-mail e Skype, mas também pode ser feita in loco. “É importante ressaltar que a última palavra na condução do trabalho e na forma como o jovem quer apresentá-lo para o público é definida por ele. Não impomos nada”, ressalta o criador do Meus Sertões. ”

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um trabalho sobre sua terra é muito gratificante. A motivação pessoal se torna o principal fator de realização. A identidade e cultura ficam muito mais valorizadas e ressaltadas. É dar visibilidade a pessoas que nunca seriam vistas pela mídia tradicional e isto traz uma nova beleza ao jornalismo e o audiovisual. A comunicação é muito bela porque permite esta troca de experiências e vivências, de conhecimentos e culturas.

Conhecer novas histórias cria um sentimento de orgulho do seu lugar, suas origens, sua terra. Este conhecimento estimula o respeito e permite ter uma maior percepção sobre sua origem e dos “estereótipos” que existem em sociedade. No início, por ser de fora do Estado de São Paulo, eu podia até me sentir um pouco inferior aos outros. Mas, realmente tenho muito orgulho de onde vim, da região Nordeste. O mais interessante não é romantizar o sertão ou qualquer lugar, e sim, humanizar. É isto que falta. Esta empatia. Não apenas o foco em noticiar algo, mas se envolver. Isto traz uma visão muito mais humana das pessoas e não apenas a seriedade profissional. Estamos falando de comunicação, de troca, de formação de experiência e saberes e acima tudo, lidando com diferentes tipos de pessoas.

Para realizar este projeto, conseguir patrocínio foi uma das maiores dificuldades. Mas minha família me ajudou a idealizar este projeto. Por não ter muito dinheiro investido, as condições de gravação foram mais limitadas. Outra dificuldade foi gravar sozinha, já que era necessário se concentrar em muitos aspectos, como entrevista, melhor enquadramento, captação de som e iluminação. Mesmo com todas estas dificuldades, acredito que o objetivo do projeto foi cumprido.

Este projeto e o curso de Jornalismo me ajudaram a ter mais empatia com os entrevistados, a não os abordar apenas como fontes, mas como pessoas, que são diferentes da minha realidade e por isto, preciso ouvir o que ela tem a dizer. O respeito é muito importante no trabalho do jornalismo, este profissional lida com pessoas, com diferentes histórias de vida e tem a missão de passar isto para o mundo da forma mais transparente possível. A questão da Ética na profissão foi abordada em diversos momentos do Curso nas disciplinas de Filosofia, Sociologia, Deontologia da Comunicação e Ética. Trabalhar com diferentes pessoas ao longo do curso e ter contato com diferentes teorias da Comunicação, entre elas, as latino-americanas, que defendem uma comunicação participativa, um leitor não passivo, um receptor não apenas ativo, mas parte do processo de produção noticiosa e da comunicação para além dos meios, me ensinaram a ter uma relação mais empática com as pessoas, a olhar a condição sociocultural que ela está inserida, em se pôr no lugar do outro.

Já em relação ao audiovisual, trabalhar com vídeo sempre me encantou e pretendo seguir nesta área, principalmente na parte de telejornalismo. Diferentes abordagens foram discutidas na Universidade, tanto no âmbito televisivo, como digital e novas formas de produção propostas pelo mercado. Na graduação, desenvolvi vários projetos audiovisuais tanto solicitadas pelas disciplinas como em projetos de extensão.

Sobre minha relação com o Nordeste, acredito que ficou muito mais aflorada. Espero continuar abordando a região em pesquisas futuras. O interessante não é menosprezar mais um lugar e exaltar o outro e sim, uma busca por igualdade e respeito das diferenças. Mais tolerância. Mais conhecimento histórico e vivência. Acredito que o curso de Jornalismo me trouxe uma visão mais aberta sobre o mundo e como lidar com as pessoas, respeitando e convivendo com as diferenças.

Me tornei muito mais ativista pelos direitos e questões sociais, em uma luta constante contra informações falsas e sim, conhecimento, em busca da formação de um pensamento crítico, ainda mais em dias difíceis como estes que estamos vivenciando, com a democracia e

a liberdade de expressão ameaçadas. Acredito que a maior contribuição do curso em minha formação foi enxergar de modo muito mais crítico a política, os movimentos sociais e o meu lugar no mundo como cidadã, mulher, jornalista¹³!

¹³ Link de acesso ao documentário:< <https://www.youtube.com/watch?v=YTZ0VmeHW1k&t=234s>>. Acesso em: 29/11/2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região**. In: _____. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste Brasileiro** - Coleção Primeiros Passos. Editora: Brasiliense, 1986.

G1.COM.BR. Profissão Repórter. **Nordeste brasileiro vive a pior seca dos últimos cem anos**. Edição do dia 03/05/2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/05/nordeste-brasileiro-vive-pior-seca-dos-ultimos-cem-anos.html>.

Acesso em: 25/04/2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição, 2006.

HAMPE, Barry. **Making documentary films and reality vídeos**. New York: Owl Book, 1997.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. (2004)

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5ª edição, 2010.

NUNES, A. C. M. **No palco da cultura marajoara: identidades e saberes em Mestre Damasceno**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

PENAFRIA, Manuela. **Tradições e Reflexões**. 2011

PENNA, Maura." **Capítulo I – Examinando pressupostos: a região Nordeste**". In.: "**O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina**". São Paulo: Cortez, 1992. pp. 17 – 48.

PESSOA. R. Fernão. **Mas, afinal... O que é mesmo documentário?** Editora Senac São Paulo, 2008.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós-produção**. 2ª edição, 2010.

ORTIZ, Renato. **Imagens do Brasil**. Artigo publicado na Revista Sociedade e Estado - Volume 28, nº3, 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>>. Acesso: 20/10/2018.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. " **O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional**. " São Paulo: Ed. Moderna, 1984. pp. 15 – 58.

TEIXEIRA, Cristina. **O documentário como gênero audiovisual**. 2002

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**. Editora Eduel. 2015

YOUTUBE.COM.BR. Câmara Record. **Exclusivo: Câmara Record mostra dificuldade das famílias que enfrentam a seca.** Publicado em 20 de novembro de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KybOjtRDb_o . Acesso em: 25/04/2018.

APÊNDICE

ROTEIRO

IMAGEM	AUDIO
<p>CENA 1 EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagens de paisagens locais como por exemplo o pôr do sol, animais e vegetação com a cena do mandacaru no final</p>	<p>SOBE SOM</p> <p>SONORA 1: RICARDO SANTOS</p> <p>DI: A gente aqui tem uma dificuldade maior</p> <p>DF: que a mídia prega</p>
<p>CENA 2- ARTE</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 3- EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem da entrada da cidade de Itabi</p>	<p>REPÓRTER</p> <p>DI: Nossa viagem começa em Itabi</p> <p>DF: um novo olhar sobre o sertão</p>
<p>CENA 4- EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem do monumento do jegue em Itabi e da casa do primeiro personagem</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 5- EXT. DIA- PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 2: ALDO MOTA</p> <p>DI: Aqui jamais</p> <p>DF: minha cidade querida, Itabi</p>

<p>CENA 6-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem da vegetação e da casa do segundo personagem</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 7-</p> <p>INT. DIA- PLANO AMERICANO E MÉDIO</p> <p>Imagem da personagem Solange Santos.</p>	<p>SONORA 3: SOLANGE SANTOS</p> <p>DI: Ah, minha querida</p> <p>DF: eu acho, sabe?</p>
<p>CENA 8-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem do caminho até a casa do próximo personagem e paisagens locais</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 9</p> <p>INT. DIA- PLANO AMERICANO</p> <p>Imagem de João Francisco e Valdete</p>	<p>SONORA 4: VALDETE FERREIRA</p> <p>DI: Se eu gosto</p> <p>DF: muito sossegado</p>
<p>CENA 10-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem local</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 11-</p> <p>INT. DIA- PLANO AMERICANO</p> <p>Imagem de João Francisco e Valdete</p>	<p>SONORA 5: JOÃO FRANCISCO</p> <p>DI: Porque meu lugar é aqui</p> <p>DF: Não faz medo a nada</p>
<p>CENA 12-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem do caminho até a casa do próximo personagem e paisagens locais.</p>	<p>SOBE SOM</p>

<p>CENA 13- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro</p>	<p>SONORA 6: VALCIRO RESENDE DI: Por isto estamos aqui DF: Muito sossegado</p>
<p>CENA 14- EXT. DIA- PLANO GERAL Imagem da igreja</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 15- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 7: ALDO MOTA DI: Minha mãe DF: através da educação</p>
<p>CENA 16- INT. DIA- PLANO AMERICANO E MÉDIO Imagem de Solange Santos.</p>	<p>SONORA 8: SOLANGE SANTOS DI: Vivi, meus filhos nasceram aqui DF: porque antes não existia isso</p>
<p>CENA 17- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 9: ALDO MOTA DI: Nasci e me criei aqui DF: meus conterrâneos</p>
<p>CENA 18- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro, no momento de sua fala, aparece uma imagem em plano geral do assentamento onde ele mora e depois corta novamente para sua imagem.</p>	<p>SONORA 10: VALCIRO RESENDE DI: Eu nasci e me criei DF: tudo na nossa região</p>
<p>CENA 19- INT. DIA- PLANO AMERICANO Imagem de Valdete e João intercalada com a</p>	<p>SONORA 11: VALDETE DI: Tá todo mundo espalhado ai</p>

<p>imagem de uma estante com fotos dos seus parentes.</p>	<p>DF: Mas ela tem foto FALA DA REPÓRTER SONORA 12: JOÃO FRANCISCO DI: Eu não posso muito ir à rua DF: pra ele não ficar chorando</p>
<p>CENA 20- INT. DIA- PLANO AMERICANO E MÉDIO Imagem da personagem Solange Santos.</p>	<p>SONORA 12: SOLANGE SANTOS DI: Trabalhamos na roça, sim DF: arroteia lá pro fundo</p>
<p>CENA 21- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 13: ALDO MOTA DI: Então a gente cresceu DF: que o seu lugar lhe dá</p>
<p>CENA 22- INT. DIA- PLANO AMERICANO Imagem de Valdete e João</p>	<p>SONORA 14: JOÃO FRANCISCO DI: Vai comparar a pessoa presa dentro de casa DF: vou ser seu vaqueiro</p>
<p>CENA 23- INT. DIA- PLANO AMERICANO E MÉDIO Imagem da personagem Solange Santos.</p>	<p>SONORA 15: SOLANGE SANTOS DI: Me esforcei o bastante DF: É assim</p>

<p>CENA 24-</p> <p>INT. DIA- PLANO MÉDIO E CÂMERA NA MÃO</p> <p>Valdete está na cozinha preparando o café da manhã.</p>	<p>SONORA 16: VALDETE FERREIRA</p> <p>DI: Fazer o café, né?</p> <p>DF: graças a Deus</p>
<p>CENA 25-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem do marido de Solange andando pelos animais</p>	<p>SOBE SOM</p> <p>SONORA 17: RICARDO</p> <p>DI: Gosto muito da terra</p> <p>DF: Estar em casa é sempre bom</p>
<p>CENA 26-</p> <p>INT. DIA – PLANO MÉDIO</p> <p>Na imagem está Solange e seus dois filhos.</p>	<p>SONORA 18: FLÁVIO</p> <p>DI: Aqui é ótimo demais</p> <p>DF: Isso é ótimo</p>
<p>CENA 27- EXT. DIA- PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de Valciro</p>	<p>SONORA 19: VALCIRO RESENDE</p> <p>DI: Eu tenho uma filha que nasceu</p> <p>DF: acho que tem seis anos</p>
<p>CENA 28 - EXT. DIA- PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 20- ALDO MOTA</p> <p>DI: O homem do campo</p> <p>DF: na alimentação do rebanho</p>

<p>CENA 29- INT. DIA – PLANO MÉDIO Na imagem está Solange e seus dois filhos</p>	<p>SONORA 21- RICARDO SANTOS DI: Pena que a gente faz DF: Terra da gente</p>
<p>CENA 30- EXT. DIA- PLANO GERAL Imagem das ovelhas de João</p>	<p>SONORA 22- FLAVIO SANTOS DI: Eu vou, vou trabalhar em casa DF: empresa europeia</p>
<p>CENA 31- INT. DIA- PLANO MÉDIO/ CÂMERA NA MÃO Imagem de João, em pé, próximo a porta de sua casa.</p>	<p>SONORA 23- JOÃO FRANCISCO DI: Como tem agua encanada DF: não é uma coisa para se constar?</p>
<p>CENA 32- INT. DIA – PLANO MÉDIO Na imagem está Solange e seus dois filhos, durante a fala de Ricardo, surge a imagem dele aparece alimentando as vacas.</p>	<p>SONORA 24- RICARDO SANTOS DI: A gente estudava DF: porque fui trabalhar</p>
<p>CENA 33- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 25- ALDO MOTA DI: Hoje, a gente tem como principal setor DF: cuidar das coisas da roça</p>
<p>CENA 34- EXT. DIA- PLANO GERAL Mostra o local onde Solange começa a preparar o queijo.</p>	<p>SONORA 26- SOLANGE SANTOS DI: A gente corta assim DF: coloco ele no saco Conversa com a repórter DF: Estamos nos preparando para fazer duas vezes ao dia</p>

<p>CENA 35-</p> <p>EXT. DIA – PLANO MÉDIO / CAMERA NA MÃO</p> <p>Imagem do preparo do queijo.</p>	<p>REPORTER: ESTE LÍQUIDO QUE SOBRA...</p> <p>DI: Vai para os porcos</p> <p>DF: Sobrevive desse soro</p>
<p>CENA 36-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL/ CAMERA NA MÃO</p> <p>Imagem de Solange colocando o Soro, para os porcos</p>	<p>DI: Quando completar seis semanas</p> <p>DF: Agora vou colocar o sal</p> <p>DI: Daqui umas três horas</p> <p>DF: não tem para onde eles crescerem mais</p>
<p>CENA 37-</p> <p>EXT. DIA- PLANO MÉDIO / CAMERA NA MÃO</p> <p>Imagem Solange.</p>	<p>DI: Eles ficam todos aqui</p>
<p>CENA 38-</p> <p>EXT. DIA- PLANO GERAL</p> <p>Imagem entre panorâmica e travelling</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 39-</p> <p>EXT. DIA- PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de um dos funcionários de João com a vaca</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>
<p>CENA 40-</p> <p>EXT. DIA . PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem do funcionário de Francisco</p>	<p>SOM AMBIENTE</p> <p>SOM AMBIENTE E SOBE SOM</p>

<p>CENA 41 -EXT. DIA –PLANO GERAL Imagem do homem que compra o leite de João</p>	<p>SONORA 27- VALCIRO RESENDE DI: Nós precisava se deslocar aqui DF: cuida mais bem dos seus filhos</p>
<p>CENA 42- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro</p>	<p>CONVERSA BREVE COM A REPÓRTER</p>
<p>CENA 43- EXT. DIA- PLANO GERAL Cisterna de Valciro e imagens do assentamento</p>	<p>DI: Tudo que nós têm DF: Vamo ajeitando assim</p>
<p>CENA 44- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro</p>	<p>SOBE SOM</p>
<p>CENA 45- EXT. DIA- PLANO GERAL E DEPOIS MÉDIO Imagem do assentamento de Valciro e das galinhas do produtor</p>	<p>DI: No período da seca, a gente DF: ovelha, galinha</p>
<p>CENA 46- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro</p>	
<p>CENA 47- EXT. DIA- TRAVELLING Imagem da Estrada indo até Gararu</p>	<p>SOBE SOM</p>

<p>CENA 48-</p> <p>EXT- DIA. PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de Aldo, às margens do rio São Francisco, intercalada com imagens do rio.</p>	<p>SONORA 28- ALDO MOTA</p> <p>DI: Estamos aqui na cidade de Gararu</p> <p>DF: Tudo era água</p>
<p>CENA 49-</p> <p>EXT. DIA – PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de Gilberto</p>	<p>SONORA 29 -CONVERSA COM A REPÓRTER SOBRE A VIVENCIA DO AGRICULTOR GILBERTO DIANTE DA QUEDA DO VOLUME DE ÁGUA</p> <p>DF: Eu acho que isso é a destruição da natureza ne</p>
<p>CENA 50—</p> <p>EXT- DIA. PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de Aldo, às margens do rio São Francisco.</p>	<p>SONORA 30- ALDO MOTA</p> <p>DI: Então, isso causou um problema gigantesco</p> <p>DF: Não tem mais o plantio de arroz</p>
<p>CENA 51-</p> <p>EXT. DIA – PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de Gilberto</p>	<p>SONORA 31- GILBERTO</p> <p>DI: A lagoa</p> <p>DF: voltava com um peixe para casa</p>
<p>CENA 52—</p> <p>EXT- DIA. PLANO MÉDIO</p> <p>Imagem de Aldo, as margens do rio São Francisco.</p>	<p>SONORA 32- ALDO MOTA</p> <p>DI: Estamos em Gararu, mas eu sou de Itabi</p> <p>DF: que bebem água desse rio</p>
<p>CENA 53-</p> <p>EXT. DIA – PANORAMICA</p> <p>Imagem de uma estrada de Terra</p>	

<p>CENA 54- EXT. DIA –PLANO MÉDIO Imagem de Ricardo, dentro do curral, junto com as vacas</p>	<p>SONORA 33- RICARDO SANTOS DI: Geralmente a média de chuvas aqui DF: Esse ano foi bem crítico</p>
<p>CENA 55- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro,</p>	<p>SONORA 34- VALCIRO RESENDE DI: No período mais seco DF: porque não guenta</p>
<p>CENA 56- INT. DIA- PLANO AMERICANO Imagem de Solange</p>	<p>SONORA 35- SOLANGE SANTOS DI: Ah, é muito difícil DF: para nós e para os animais</p>
<p>CENA 57- EXT. DIA –PLANO MÉDIO Imagem de Ricardo</p>	<p>SONORA 36- RICARDO SANTOS REPORTER: O que vocês fazem DI: A gente corta mandacaru DF: sorte de Deus</p>
<p>CENA 58- EXT. DIA- PLANO GERAL Imagem dos cactos</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>
<p>CENA 59 – EXT. DIA –PLANO MÉDIO Imagem de João</p>	<p>SONORA 37- JOÃO FRANCISCO REPORTER: Hoje o senhor tem bastante DI: Foi crescendo e foi se acabando DF: devendo</p>
<p>CENA 60- INT- DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Ricardo</p>	<p>SONORA 38- RICARDO SANTOS DI: Os produtores rurais DF: mais qualidade</p>

<p>CENA 61- INT- DIA- PLANO AMERICANO Imagem do casal João e Valdete</p>	<p>SONORA 39: JOÃO FRANCISCO DI: A gente depende mais DF: acho que vai a mingua</p>
<p>CENA 62- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 40: ALDO MOTA DI: Hoje você pode DF: subsistência com sua família</p>
<p>CENA 63- INT- DIA- PLANO AMERICANO Imagem do casal João e Valdete</p>	<p>SONORA 41: JOÃO FRANCISCO DI: No período da chuva DF: é feia</p>
<p>CENA 64- EXT. DIA –PLANO MÉDIO Imagem de Ricardo</p>	<p>SONORA 42: RICARDO SANTOS DI: Uma forma de armazenamento é essa DF: Maior volume de chuva</p>
<p>CENA 65- EXT. DIA- PLANO MÉDIO E GERAL Imagem de João</p>	<p>SONORA 43: JOÃO FRANCISCO REPORTER: Essa ração agora... DI: Essa é a ração das vacas DF: o material é milho</p>
<p>CENA 66- INT. DIA- PLANO MÉDIO- câmera na mão Imagem de João e sua cisterna</p>	<p>SONORA 44: JOÃO FRANCISCO DI: A gente dependia de panhar água DF: É assim que se prepara para seca</p>
<p>CENA 67- INT. DIA- PLANO AMERICANO E MÉDIO Imagem da personagem Solange Santos.</p>	<p>SONORA 45: SOLANGE SANTOS DI: A gente mora no Nordeste DF: Eu amo meu lugar</p>

<p>CENA 68- - EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro</p>	<p>SONORA 46: VALCIRO RESENDE DI: Sobre a seca DF: que é a verdade, nós têm que falar</p>
<p>CENA 69- INT. DIA- PLANO AMERICANO Imagem do casal João e Valdete</p>	<p>SONORA 47: VALDETE FERREIRA DI: Porque diz DF: sabe o que é correto</p>
<p>CENA 70- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 48: JOÃO FRANCISCO DI: O povo fala muito em educação DF: sem precisar de muita coisa</p>
<p>CENA 71- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem do personagem Aldo Mota.</p>	<p>SONORA 49: ALDO MOTA DI: A gente sabe que nossa região DF: convivência com a seca</p>
<p>CENA 72- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Imagem de Valciro,</p>	<p>SONORA 50: VALCIRO RESENDE DI: O povo sertanejo DF: nós nunca abandonemo nosso lugar</p>
<p>CENA 73- INT. DIA- PLANO AMERICANO Imagem do casal João e Valdete</p>	<p>SONORA 51: VALDETE FERREIRA DI: Ah, o povo sertanejo DF: entendeu?</p>
<p>CENA 73- EXT. DIA- PLANO GERAL E MÉDIO Imagem do mandacaru</p>	<p>SONORA 52- REPÓRTER E TIA MARIA REPORTER: Então essa é a flor do mandacaru em conversa com tia Maria</p>

<p>CENA 74- INT. DIA- PLANO GERAL Imagem da chuva</p> <p>CENA 75- EXT. DIA- PLANO MÉDIO Começa a passar cenas com as imagens dos personagens</p> <p>CENA 76 - EXT- DIA. PLANO GERAL Após as cenas dos personagens, passam várias imagens em plano geral do lugar, panorâmicas</p> <p>CRÉDITOS FINAIS</p>	<p>SOBE SOM PARA MÚSICA “XOTE DAS MENINAS”</p> <p>SOM AMBIENTE</p> <p>SOBE SOM SONORA 53: SOLANGE SANTOS DI: Vou falar do meu lugar DF: da Bahia ao Piauí</p> <p>SOBE SOM “XOTE DAS MENINAS”</p>
---	--